S. PAULO (BRASIL) — Sábado, 15 de março 1913 — ANO XII — N. 182

Publica-se aos sabados
Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior há a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR: EDGARD LEUENROTH
Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegráfico: LANTERNA
Toda correspondência ao director

A Igreja e o proletariado

Por todas as partes procura a Igreja Catolica organizar o operariado em associações confessionais, contrariando até a organização interconfessional cristã, isto é, de operarios catolicos e protestantes.

Assim na Holanda, á excepção dos mineiros catolicos do sul da provincia de Limburgo, todos os catolicos tiveram que abandonar as organizações mixtas; 1.477, por exemplo, saíram da sociedade "Unitas", agremiação cristã dos tecelões, por imposição do clero. No congresso da União cristã interconfessional, recentemente celebrado em Roterdão, o presidente verberou asperamente a obra clerical de divisão, dizendo que o separatismo catolico vem agravar as divisões multiplas já existentes no movimento operario holandez. Censura, aliás, merecida igualmente pelo censor e pelas uniões cristãs, pois o operariado deve associar-se todo em organizações, não *interconfessionais*, mas sim *inconfessionais*, isto é, abertas aos trabalhadores de todas as opiniões e tendo por fim a defesa dos interesses de classe.

Quanto á Alemanha e á Belgica, por exemplo, já temos mostrado a obra nefasta dos padres na organização e movimento operarios.

Mas há mais do que isso. Na propria França, de fundas tradições revolucionarias e de adiantado movimento sindicalista, o clero catolico, se em varias tentativas tem fracassado, noutras tem obtido resultados satisfatorios e animadores — animadores para a sua obra de escravização, de resignação passiva, de "crumirismo" operario e de conservação social. Tam animadores que, tendo até hoje operado em silencio, já lançou gritos de triunfo e de esperança.

Separada a Igreja do Estado, perdida para aquela o orçamento do culto, os padres, que deixaram de ter a vida segura e repousada do funcionario publico, mexem-se com maior actividade e lançam-se avidamente sobre o proletariado industrial, procurando organiza-lo para os seus fins, isto é, para o manejar como uma força politica e social em proveito da dominação eclesiastica. As associações operarias catolicas aumentam enormemente o poder clerical em face do Estado e do patronato: perante aquele servem aos padres de instrumento de *chantage* e de arma eleitoral; ante o segundo, dão ao clero moderno desembaraçado e combativo, uma influencia consideravel, pois os padres podem pôr as fôrças, que tiverem organizado, á disposição dos patrões nos conflitos entre o Capital e o Trabalho, mediante certas vantagens e compensações. E' a lição dos factos.

Em França, repetimos, as tentativas clericais nos meios operarios teem sido desastres. Mas eis que numa classe importante para o movimento de reivindicações proletarias — a dos ferroviarios — os padres, favorecidos por certas circunstancias de momento e sobretudo pelas divisões intestinas da corporação, puderam pôr de pé uma organização que os enche de alegria, e que, revelada agora, provocou o alarme nos meios sindicalistas.

A "União catolica dos Caminhos de ferro" conta 420 grupos, com um total de associados que deve oscilar entre 20 e 50 mil, e é dirigida por cêrca de quinhentos padres.

Publicando a lista dos grupos, com o nome dos padres dirigentes, na sua excelente revista *La Vie Ouvrière*, P. Monatte lança o seu grito de alerta e mostra o perigo, bem como as responsabilidades que nele teem os "vermelhos".

Fatigados, enojados e desconfiados do anticlericalismo de Estado, pretexto para exploração por parte dos politicantes, os militantes sindicalistas revolucionarios deixaram em paz os padres e o trabalho de sapa por eles silenciosamente executado durante dez anos, para assambarcamento da infancia em patronatos e para arregimentação de operarios em ligas confessionais. Agora, já os padres falam alto e com arrogancia, cheios de confiança no futuro.

Naturalmente, a "União catolica dos Caminhos de ferro" tem a simpatia e a protecção das Companhias — pois é em favor delas que os padres organizadores trabalham. Os patrões bem sabem o que o cardial Merry del Val escrevia ultimamente ao clerical conde de Mun: "Por falta do espirito que soubestes imprimir á vossa obra, *não se vê*, por exemplo, *o dominio da justiça desproporcionalmente alargado em detrimento da caridade?*" E' uma confissão cínica: o papel da Igreja é impedir e abafar com a caridade a obra de justiça.

Por aqui podem os revolucionarios sociais ver o valor da guerra aos padres, não subordinada a mesquinhos interesses politicos.

Quanto aos sindicalistas, verão como é necessario, não dizemos atacar os dogmas e fazer propaganda teorica transcendente, mas mostrar com os exemplos de cada dia a obra de divisão e de traição empreendida no seio do proletariado pelo clericalismo.

Quando essa obra nefasta é já possivel em França, que diremos então a respeito do Brasil, sobre o qual se abatem diariamente cada vez mais espessas nuvens de corvos negros?

Entre nós já se fazem sentir os efeitos nefastos da intromissão do clericalismo nas organizações operarias. Até a pouco, antes que a propaganda sindicalista começasse a dar os seus beneficos frutos, o clero, entretido com os altos senhores do Capital, confiante na ignorancia e na desunião do nosso operariado ou na sua organização insipiente ou desorientada, não se dignava baixar sobre ele as vistas. Mas foi bastante a fundação e a actividade de algumas agremiações de acção verdadeiramente operaria, visando a elevação moral e intelectual do trabalhador e a melhoria de suas condições ante o patronato, para despertar uma reacção cujos resultados, se o operariado deixar-se indolentemente levar, serão fatais ás suas reivindicações.

Em S. Paulo, Campinas, Taubaté e outras cidades deste Estado existem já agremiações confessionais de operarios catolicos, que são como tribunais da Inquisição. Todos os fingidos e ilusorios favores aos seus membros — e ai daqueles que, percebendo a armadilha do clero contra o trabalhador, se recusam a doceis instrumentos dos coroados orientadores dessas pseudas ligas de interesses do operario! Serão "excomungados", ver-se-ão coagidos e perseguidos pelo odio tenaz e intolerante dos padres e seus asseclas. E' assim que muitos, fracos de animo ou receando a fome no lar, curvam a cerviz e se vêem vencidos, abandonando as suas ligas de resistencia para se inscreverem nos centros operarios catolicos, como está sucedendo em Campinas.

E' necessario que aqueles que se interessam verdadeiramente pela causa dos humildes espoliados oponham, quanto antes, a sua acção energica, decidida e moralizadora, sem descanso, á desses assotainados lacaios dos exploradores do trabalho alheio.

Biblia vermelha

Aos olhos de certa gente de Igreja, confessar-se é mais meritorio do que não pecar.

***

Misticos ha que dão um apréço particular á conquista das almas alojadas em lindos corpos.

***

Ha quem faça penitencia nas costas do proximo.

(Pensamentos extraidos das obras de **Victor Cherbuliez.**)

CONTRA A CARESTIA DA VIDA

O comicio de hoje

A Liga Popular Contra a Carestia da Vida promove hoje um comicio no largo de S. Francisco, ás 7 horas da noite.

Amanhã, domingo, realizar-se-á um outro no largo da Concordia, Braz, ás 7 horas da noite.

O Prometeu de hoje



O PADRE — Sê paciente, trabalha sempre com resignação para a prosperidade dos ricos, protectores da nossa Santa Igreja, sofre neste vale de lagrimas, que terás a recompensa... depois da morte...

A carestia da vida

O aumento constante dos preços dos generos de primeira necessidade provocou, como era de esperar, uma violenta reacção popular. Os *meetings* se sucedem quasi diariamente, e a beatifica policia do Rio, sob a chefia do catolico S. Belisario, provoca conflitos e disturbios, tal qual a serafica de S. Paulo, quando a chefiava o inesquecivel Trepoff-mirim, por ocasião do caso Idalina. E os *meetings*, que se poderiam realizar em paz, foram perturbados pela indébita e violenta intervenção dos *mantenedores da ordem*. (Que ironia!)

Os chefes dos *trusts*, e os que compram directamente os generos de que precisam, riem-se da excitação popular. Garantidos pela força publica, que não trepidará espingardear o povo, sempre iludido, se num impeto de desespero lhes assaltar a casa de negocios, não recuam de sua resolução de ganhar muito, não recuam de sua avidez e cubiça de dinheiro. Que lhes importa o clamor publico? Dinheiro, dinheiro, eis o que querem esses homens gananciosos.

A fome invade os lares dos pobres? Dinheiro... dinheiro.

O governo faz promessas. E lançou mão, de boa fé queremos crer, de medidas que *apenas* tiveram um *pequeno* inconveniente: foram ineficazes. Zombando do desespero publico, os *trusts* e outros negociantes mantêm preços exorbitantes, excepção dos açougues que baixaram cem reis no preço de carne. Em vez de se vender por mil réis, vende-se por novecentos reis o kilo. Ainda assim é caro o preço da carne.

Deste modo resistem, rindo-se, ao desespero popular os negociantes de generos de primeira necessidade. Fazem mal. Deviam ceder. Deviam contentar-se com razoavel lucro. Não querem; tanto peor.

Desiludida, a multidão se encoleriza, e se agita. A pouco e pouco aumenta a agitação, aumenta a colera popular a pouco e pouco. Se lhe não atenderem aos reclamos insistentes, a aflição do povo chegará ao auge. E então não haverá forças capazes de conter o impeto irresistivel da multidão colerica e faminta.

Rio, 10 — 3 — 913.

Eduardo Vital.

Um famoso açambarcador

Um pouco de historia, profana ou sagrada, é sempre bom em certas ocasiões criticas como a que atravessamos.

Nestes tempos de carestia e de fome para os dois terços da população do Brazil, vou lembrar aos bons cidadãos, aos crentes, ás pias criaturas que tudo esperam da Providencia Divina e do Governo um facto importantissimo ocorrido ha muitos milhares de anos, para provar-lhes que nenhuma razão teem em estarem a lamentar-se da sorte, pois podia ser muito peor ainda.

Todos vós conheceis a espantosa calamidade que durante sete anos os egipcios tiveram de suportar, sucedendo a outros sete anos de grande abundancia. Tambem conheceis o saliente papel que na dificil emergencia desempenhou o ministro da fazenda daquela época, s. ex. o sr. José, o muito feliz filho de Jacob, (que tambem se aproveitou da fome do irmão para, por um prato de lentilhas, extorquir-lhe a fortuna) o qual, depois de ter sido vendido pelos irmãos, chegou a ser o depositario de toda confiança de Faraó, rei do Egipto.

Mostremos, para confusão e vergonha dos mediocres *artistas* de hoje, o que foi este emerito açambarcador.

E' a Biblia que fala:

«A fome alastrou-se pois por toda a superficie do paiz e José abriu todos os celeiros e vendeu trigo aos egipcios.» Cap. XLI, vers. 56.

« 14. E José recolheu todo o dinheiro que se achava no paiz do Egipto e no paiz de Canaan, em troca do trigo comprado; e José fez entrar este dinheiro na casa de Faraó.»

« 15. E quando o dinheiro faltou no paiz do Egipto e no paiz de Canaan, todos os egipcios vieram ter com José, dizendo-lhe: Dai-nos pão; e porque morreriamos diante de ti, porque não ha mais dinheiro?»

José, o ganancioso e desabusado ministro, respondeu-lhes, como se diz, pondo-lhes a faca ao pescoço:

« 19. Dai o vosso gado, e eu vos darei pão em troca do vosso gado, se não ha mais dinheiro.»

E os pobres famintos tiveram mesmo que entregar os rebanhos que possuiam.

Continuando a fome os miseros voltaram no ano seguinte. José foi ainda mais duro, mais feroz.

« 18. Este ano decorrido, eles voltaram no ano seguinte, e lhe disseram: Nós não ocultaremos a nosso senhor que o dinheiro está esgotado e que os rebanhos passaram a pertencer a nosso senhor; nada mais resta diante de nosso senhor que os nossos corpos e as nossas terras.

« 19. Porque pereceriamos sob teus olhos, nós e nossas terras? Compra-nos, nós e as nossas terras, e nós seremos, com as nossas terras, escravos de Faraó. E dá-nos com que semear, afim de que vivamos e não morramos, e que o solo não fique entregue á desolação.

« 20. E José adquiriu todo o solo do Egipto para Faraó; pois os egipcios venderam cada qual o seu campo, porque a fome a isto os forçou; e a terra pertenceu a Faraó.»

Não esquecer que deus aprovou todas estas extorsões do seu muito protegido José, com o qual estava de conivencia, pois que era ele o autor consciente de todos estes sofrimentos.

Hins, comentando estes versiculos, escreve:

«Ha muitas paginas infectas na Biblia, porém nós não conhecemos mais infame que esta! E' aqui que vieram inspirar-se todos os esfomeadores do povo, os açambarcadores, os fazedores de *trusts*, os bilionarios americanos. Cultiva-se muito a Biblia neste paiz!»

Este detestavel escritor bem mostra que é um ateu, e não um homem bem equilibrado, capaz de compreender os transcendentais problemas da antiga e da moderna economia politica.

Aconselhamos a este estrangeiro a nunca pôr os pés por estas bandas, porque o menos que lhe poderia acontecer era ir passar alguns dias engaiolado, a pão e agua, e em seguida expulso do sagrado sólo da patria brazileira, pelo primeiro transatlantico que por aqui passasse, com a nota de caften ou outra.

Podem dormir tranquilos os senhores Josés que governam este outro Egipto cá da America Meridional, e todos os respeitabilissimos trustistas com o seu Faraó á frente: a Providencia divina ainda é a mesma.

Entretanto nem todas as terras passaram a ser propriedade do rei.

« 22. As terras dos padres foram as unicas que ele não adquiriu; pois os padres recebiam de Faraó uma porção fixa, e eles comiam a porção que Faraó lhes tinha dado. Eis porque eles não venderam as suas terras.»

Tambem não faltava mais nada que nivelar os bens eclesiasticos com os bens do povo. Quem é que já ousou até hoje fazel-o? Mesmo sem a tal *porção*, quem é que se atreveria a tocar nesta arca santa?

Ha quem diga que já se vai dando menos importancia a Jeová e á sua gente em certos paizes.

Pode ser. Porêm o que afirmamos é que, por aqui, a confiança é plena, absoluta, no seu poder.

Assim os açambarcadores o compreendem e vão, como José, arranjando a vidinha.

Adrecal.

Rio, 10 — 3 — 913.

Um capuchinho abandona a esposa

Ha tres anos, o frade capucho bávaro Renno Auracher, dum convento de Munich, despiu o habito e foi casar-se em Londres. Mas o diabo foi a necessidade de trabalhar, de «ganhar o pão com o suor do seu rosto», que ele antes tanto prègava... aos outros. Um belo dia, o ex-frade desapareceu, deixando á esposa uma carta de despedida, agora publicada por um jornal alemão.

«Bem sabes, diz ele, que não foram considerações humanas as que me levaram a esta dura decisão, mas razões que se referem á eternidade. As considerações humanas todas me aconselham a ficar. Espero que o horrivel sacrificio que faço te ajudará tambem um pouco. Tem coragem; o mal passa e o bem fica.»

«Vou primeiramente dirigir-me ao lugar donde fugi ha mais de dois anos. Mas se, o que é muito possivel, não me aceitarem lá, ver-me-ei num desamparo completo.»

«Procede de modo que possamos tornar a ver-nos e então não mais haverá separação nem dores. E' claro que farei todo o possivel para manter em segredo o que entre nós houve e sempre e em toda a parte te defenderei em tudo. No outro mundo, pertencer-nos-emos um ao outro.»

E a pobre enganada, só e reduzida à ultima miseria, o que a levou a vender a um jornal alemão a correspondencia do infiel, deverá consolar-se com a promessa de celestiais venturas... em quanto o frade procura voltar à vida repousada, garantida e parasitaria do convento.

HOSTIAS AMARGAS

As quaresmais de D. S. Leme

6ª. conferencia — Necessidade absoluta da fé na religião verdadeira — Racionalidade e analogia scientifica do acto da fé.

7ª. conferencia — O que constitui e caracteriza o objecto da verdadeira fé — Como está em contradição com a razão o indiferentismo religioso.

D. Sebastião Leme estabelece que temos necessidade absoluta de ter fé no Catolicismo, que é para ele a religião verdadeira.

Mas todos sabemos que a mesma presunção nutrem todas as religiões espiritualistas do globo. Não ha entre elas nenhuma que não se inculque como produto de uma revelação directa feita por um deus qualquer aos homens.

E os sacerdotes de cada uma delas olham, com o mais solene desprezo, para os das outras seitas, vendo neles individuos que vivem imbuidos no erro e que teem a triste missão de viver propagando na sociedade a mentira e a perfidia.

E como essa pretensa religião verdadeira, a que se refere o bispo de Ortosia, está recheada de ninharias e de contrasensos, que não cabem na razão humana, ele diz que devemos aceitar tudo isso como sendo a palavra de Deus, com a mesma fé com que cremos nas afirmativas de ordem scientifica, que recebemos dos labios dos sabios.

Assim é que diz o bispo conferencista:

> Ainda hoje, os senhores sabios, se não tiverem a pretenção de conhecer todas as sciencias, é certo que muita coisa conhecem só pela fé na palavra dos respectivos especialistas.
>
> Tambem estes, nas mesmas sciencias em que se especializaram, precisam da fé (humana).
>
> Sobre a fé no testemunho de outrem assentam a Historia, a Estatistica, a Politica, etc.
>
> As proprias sciencias experimentais não prescindem da fé (humana).
>
> Qual foi o scientista que por si mesmo tenha realizado todas as experiencias?
>
> Nenhum. *Acreditam na palavra* de outros scientistas.

Não deixem os meus leitores passar sem reparo aquela expressão — *senhores sabios* — de d. Sebastião Leme.

Os padres da Igreja catolica, quer falando, quer escrevendo, mostram sempre a intenção de deprimir os representantes da sciencia, que não subordinam suas ideias ás bernardices da religião.

E essa sciencia mesma, que prescinde das concepções estultas, ridiculas e grotescas do catolicismo, para explicar a origem e a evolução do universo, essa sciencia é pelo bando negro da clericanalha apodada insultuosamente de *meia sciencia*, ou *sciencia de meia tigela*, como se sciencia inteira consistisse em amontoar galimatias exdruxulas e abracadabrantes, para se demonstrar que um *calixto* de vinho ordinario pode, aos cochichos de um sacerdote, converter-se em sangue de Deus ou ainda que ao demonio é possivel ter congresso sexual com uma criatura humana, sob a forma de *incubos* e de *sucubos*.

Mas, ó bispo pateta e beocio como quem mais o seja, não ha paridade entre a fé que se dispensa ás afirmativas de um sabio de notoria autoridade e a que exiges para os principios fundamentais da tua seita.

Os sabios, transmitindo-nos o resultado das suas observações, dos seus estudos, não propõem ao nosso espirito coisa alguma que colida com as noções abstratas nele existentes. Não demandam eles que aceitemos como factos demonstrados e de caracter indiscutivel absurdos, monstruosidades que repugnam, de modo absoluto, ao nosso intelecto.

Quando um scientista da envergadura de Erlick nos diz que descobriu uma substancia — o arseno-benzol —, a qual age electricamente sobre o agente patogenico da sífilis, o *treponema pallidum*, dissolvendo-o, destruindo-o, pela acção parasitotropica que lhe é inerente, não temos motivos para pôr em duvida as palavras do insigne mestre alemão, tanto mais quanto podemos todos observar que nos *avariados*, que são tratados por esse medicamento, tudo se passa como se o germen da molestia fosse bruscamente mutrabiado.

Mas quem é que te disse, ó ingenuo d. Sebastião, que algum, que enxergasse uma polegada adiante do nariz, daria credito a Erlick, se ele tivesse a petulancia de dizer que tinha presenciado, na platina do seu microscopio, a transformação de um *spirochèta* da sífilis em um verme, em um insecto, em um mamifero de proporções infinitesimais?

Julgas acaso que algum tomaria a serio: a Edison, se publicasse que, com o auxilio de correntes continuas ou alternantes, conseguira converter um tomate em certa glandula secretoria; a Alfani, o eximio geologo italiano, se escrevesse que obtivera a prova de que o nucleo do planeta é constituido pelo inferno, povoado por miriades de demonios e de diabinhos; a Flammarion, se declarasse aos quatro ventos que a massa do sol tem composição igual á do queijo flamengo; a Marconi, se doutrinasse que as hertzianas são incapazes de transmitir um radiograma, que traduza a menor desconsideração ao papa ou a um bispo catolico?

Já vês, d. Sebastião, que *est modus* na fé que tributamos aos assertos dos senhores sabios.

Tu, porêm, queres obter do espirito humano simplesmente um impossivel.

Achas que ele deve submeter-se cega e incondicionalmente a tudo quanto crê e ensina a tua seita, sem critica, sem discussão, e humilhando a razão, quando esta, num assomo de dignidade, queira revoltar-se contra as imposições estupidas do teu credo.

Oh! Isso é demais, d. Sebastião Leme.

Sabemos perfeitamente que existem muitos individuos cultissimos, mentalidades mesmo superiores, que timbram em professar ostensivamente principios espiritualistas, não os acreditando incompativeis com o cabedal scientifico, que lhes enriquece o intelecto.

A explicação do facto parece facilima. Encontramo-la na interessante obra de Gustavo Le Bon — *Les opinions et les croyances*.

Como bem demonstrou o ilustre psicologista francez, a logica racional, sendo a de mais valor, prepondera muito menos na alma humana do que a logica afectoria ou a logica mistica, tendo cada uma dessas tres logicas a sua esfera independente.

«Na esfera do racional, diz ele, a incredulidade é a regra, e a experiencia ou a observação os unicos guias.

E eis como explica ele o modo pelo qual o sabio passa do ciclo do racional para o da crença:

«De facto, é involuntariamente que o homem de sciencia nele penetra e mesmo então ele não renuncia a seus habitos experimentais. Mas como sua convicção se forma inconscientemente, sem que ele mesmo se aperceba do facto, suas experiencias são conduzidas de modo a corroborar suas novas convicções e guiadas agora não por sua vontade, porêm por sua crença. *Ora, sabemos que um fenomeno examinado através do prisma de uma crença é inteiramente transformado por ela. As narrativas milagrosas, que enchem a historia de todas as religiões, dão disso indubitaveis provas.*

E eis doravante a logica racional, dantes tão exigente, dantes tão positiva, posta ao serviço, pronta a todos os caprichos da logica mistica, adulterando, deturpando a interpretação natural dos factos e denotando assim o desaparecimento do espirito critico, que era a mais bela, a mais brilhante qualidade do homem de sciencia.

E é com individuos chegados a tal estado d'alma, cuja inteligencia perdeu de modo total a sua independencia, individuos sugestionados no mais alto grau, individuos cuja logica racional foi vencida, esmagada, que d. Sebastião procura enaltecer a sua seita, estabelecendo, em principio, que muita sciencia conduz á fé e pouca sciencia á irreligião, á impiedade!

Não ha, não pode haver, mirifico bispo de Ortosia, racionalidade de especie alguma no acto da fé.

Racionalidade só pode encontrar-se nos assuntos passiveis de rigorosa demonstração scientifica e só esses assuntos podem alcançar o assentimento universal.

Religião alguma espiritualista repousa sobre bases scientificas. Elas todas teem como fundamentos elementos afetuosos e misticos, pelo que serão motivos de discussões para a humanidade, até que advenha a religião positiva, unica capaz de satisfazer as aspirações intelectuais e morais do homem.

Assim sendo, o melhor que o espirito humano pode fazer na actualidade é guardar o mais completo indiferentismo religioso em face das diversas seitas, que procuram empolgar a humanidade.

Esse indiferentismo religioso, tão malsinado pelo bispo de Ortosia, consiste em encarar todas as religiões espiritualistas como expressões da fase transitoria em que se encontra a sociedade moderna e em atribuir-lhes o mesmo pé de igualdade, enquanto elementos sociais.

D. Sebastião Leme tem os seus motivos particulares para ser intolerante, para profligar o indiferentismo religioso.

Ele é padre, ele tem que defender os interesses da sua casta, ele ha-de sempre pensar e agir de acôrdo com o grupo a que pertence.

«Cada classe do povo, artistas, magistrados, politicos, etc. professam as opiniões fundamentais do seu grupo profissional. Elas são o criterium do seu juizo. Eles consideram as coisas verdadeiras ou falsas, segundo são ou não conformes ás opiniões desse grupo. Cada um forma uma casta especial, possuindo opiniões comuns tão aceitas, que não se discutem mesmo. Quem não adopta as ideias da sua casta, não poderá permanecer nela.»

O topico do já citado filosofo francez, que acabamos de transcrever, explica como d. Sebastião Leme não pode compreender que alguem viva, abstraindo-se por completo das praticas supersticiosas, ás quais ele e os seus companheiros de casta consagram a sua vida, na comunhão dos mais sordidos e inconfessaveis interesses.

Fiquem-se por lá os padres com a sua religião, mas não queiram arrastar os homens do trabalho, as classes produtoras ao terreno da mais irreductivel intolerancia, de modo a enxergarem adversarios nos adeptos dos outros credos religiosos.

Batam-se os proletarios pela reivindicação dos seus direitos sociais. Procurem quanto antes conquistar os postos que lhes pertencem no convivio social e não se esqueçam de que, se vivem esbulhados dos seus direitos, espoliados das vantagens que lhes competem, é isso devido á acção conjugada dos dois elementos, nos quais tiveram sempre os seus mais ferozes inimigos, os seus mais crueis algozes e que são a Igreja e o Capitalismo.

Ignoto.

Epitáfio clerical

Aqui jaz ilustrissimo prelado,
Bispo duma diocese paulistana,
Que trazendo vigiado
O seu pessoal contra a ambição humana,
Transferia os vigarios,
Ao desconfiar que em suas freguesias
Lucros estavam dando extraordinarios
As estolas e pias.
Sacerdote exemplar,
Para fazer da Igreja a propaganda,
Tornando-a nimiamente popular,
Chamava-a de quitanda.

Jean Grimace.

(*Da* Careta).

A "Lanterna" diaria

A' ultima hora somos obrigados a deixar de fóra a noticia sobre o nosso projecto da transformação da *Lanterna* em diario, e as cartas de adesão que recebemos durante a semana.

O CORAÇAO DE JESUS EM FOCO

Infamissimo atentado

Um menino estuprado no Liceu, donde sai, gravemente contaminado, para o leito do hospital — Onde se vê a degradação que impera nos estabelecimentos religiosos — Os padres e seus lacaios procuram inocentar-se.

Mais um crime infame, mais um delito hediondo como soem ser todos os que, numa sequencia assustadora, se desenrolam a dentro dos paredões sempre discretos dessas tetricas casernas onde se abriga, numa devassidão de bordel, o exercito negro do Vaticano, a amarfanhar com as suas intrujices as tenras consciencias das crianças, que servem tambem de pasto á insaciabilidade de sua lubricidade doentia.

Animados por um ideal grandioso de amor e fraternidade, ao qual devemos chegar pela elevação do nivel social, vivemos, numa luta insana, espinhosa, cheia de privações, a proclamar ao povo o fundo de maldade que anima a tragica missão dos padres — mensageiros das mentiras sociais, esteios de todas as tiranias, poço de imoralidades, de devassidões morais e fisicas.

Não ide á igreja, balcão onde se explora a ignorancia em nome de uma religião; não consenti que os filhos, que vossas mulheres penetrem nesses mercados de miserias de todas as especies, não mandeis as vossas crianças aos asilos religiosos — antros onde elas se vão corromper de corpo e espirito; não ide ao confessionario, não vos achegueis a esses homens que na veste que lhes cobrem os corpos corrupto já trazem a negrura de sua alma — vivemos nós a dizer a gritar demonstrando com factos, provando, documentando.

Mas ainda ha quem vá a igreja, quem consinta que as suas filhas, as suas mulheres se ajoelhem ante o confessionario, ainda existe quem leve os seus filhos aos padres, encerrando-os com eles entre os tetricamente discretos paredões dos colegios clericais!

E as consequencias são fatais. Os delitos sucedem-se, vitimando os pobres inocentinhos que a incuria dos pais atira para as mãos viscosas dos padres.

Entretanto nós continuaremos imperturbavelmente a nossa obra, até que um dia a vitoria venha coroar os nossos esforços.

O crime

Não têm conta as denuncias que as nossas mãos chegam constantemente, informando-nos de factos criminosos de que são teatros os abrigos religiosos.

Como temos adversarios e inimigos ferozes sempre a nos prejudicar, somos forçados a manter uma atitude cautelosa para evitar alguma armadilha.

E por isso muitas denuncias ficam em nossa gaveta, por não conseguirmos directamente as provas necessarias.

Ontem chegou-nos ás mãos uma dessas denuncias. Uma carta de bastante gravidade trazia-nos a noticia de um crime repugnante desenrolado no famigerado Liceu do Sagrado Coração de Jesus. E' a seguinte

A carta denunciadora

Sr. redactor da *Lanterna*.

Levo ao seu conhecimento um facto grave, acontecido no colegio do Coração de Jesus, nesta capital.

Nesse malfadado asilo passam-se as maiores vergonhas.

Está internado no Instituto Paulista um mocinho de 14 anos, que é natural de Sorocaba e esteve nesse colegio. Indo ha dias um tio visita-lo, achou-o tão doente que o retirou de lá, para leva-lo ao medico, que o fez remover para e Instituto, onde foi operado no anus de uma molestia que um satiro de sotaina lhe pegou deixando-o em perigo de vida. Pode o sr. redactor ir no Instituto e falar com o menino, que está no quarto 21, aos cuidados do dr. Camargo.

Eu estive lá esta manhã e vi o estado do menino, que é horroroso. A bem da humanidade o sr. deve botar ao sol as miserias desses bandidos, vergonha da familia brasileira. Seu criado — **X. X.**

S. Paulo, 11 de março de 1913.

As nossas averiguações

Puzemo-nos imediatamente em campo para colher melhores informações.

Fomos ao Instituto Paulista. Lá estava o menino no seu leito de dor.

Ao seu lado estava o seu tio, o sr. Pereira Ignacio, que o internara ha tres anos no Coração de Jesus.

O menino chama-se Manuel Rodrigues Batista, tem 14 anos de idade e nasceu em Sorocaba.

Como se deu o crime? Contemo-lo em poucas linhas, pois a adiantado da hora não nos permite mais.

Foi ha vinte e tantos dias. O menino entrou na latrina, onde pouco depois entrou um homem, que o agarrou, tapou-lhe a boca, estuprando-o infamemente.

Depois de saciada a sua lubricidade hedionda, encheu-o de terror com as suas ameaças:

— Se dizes alguma coisa a alguem, mato-te.

Dias depois o pequeno adoeceu. Estava infectado de adenites e cancros venereos.

Foi internado na enfermaria onde o medico, com uma sagrada proficiencia, mandou aplicar-lhe... sinapismos nos joelhos...

Interrogado sobre quem era o autor do atentado, respondeu o menino não poder indicar o seu nome. Afirmou entretanto que ele tenha uma cicatriz numa das mãos.

Chegando ao conhecimento do sr. Pereira Ignacio, por intermedio de terceiros, o estado do pequeno, foi ao Liceu e de lá o transportou para o Instituto Paulista, onde os medicos denunciaram a molestia de que ele estava atacado.

Voltou então o sr. Pereira Ignacio ao Coração de Jesus.

O padre prefeito negou que o menino lá tivesse estado, afirmando que não constava o seu nome do registo.

Tal como no Orfanato de d. Consoni.

O sr. Pereira deu então parte á policia e contratou como seu advogado o dr. Antonio Covelo.

Apertado pela autoridade e pelo advogado, confessou por fim o tal padre prefeito que o menino com efeito pertencia ao colegio.

Restava conhecer o criminoso. Quem era?

E foi apresentado um tal Antonio Golina, pertencente áquele asilo, onde ele e um padre tinham a tal cicatriz numa das mãos...

E o tal Antonio Golina está preso.

O adiantado da hora não nos permite fazer as considerações devidas a este facto. Entretanto, formulemos algumas interrogações:

— Porque negou o padre prefeito que o menino era interno do Liceu, para depois confessa-lo quando a isso foi obrigado?

— Será mesmo o tal Antonio Golina o criminoso, ou não passará ele de bode expiatorio?

— E' esse o unico facto escandaloso desenrolado no Coração de Jesus?

Quanto a esta pergunta, poderemos nós mesmo responder, afirmando não ser esta a primeira denuncia contra ele formulada.

A covardia dos interessados não nos tem infelizmente permitido colher as provas necessarias. E tudo tem ficado abafado.

Por ocasião de uma das visitas, manifestou o sr. Pereira ao seu sobrinho o desejo de internar no Liceu os filhos de seu compadre, ao que lhe respondeu ele:

— Se o sr. soubesse o que aqui se passa...

O que se passa nos colegios de padres toda a gente sabe.

No proximo numero completaremos esta ligeira nota.

O povo contra o regimen da fome

A agitação vai-se avolumando — Os governantes, depois das pomposas promessas feitas, afirmam não haver carestia... — Só o povo trabalhador poderá resolver a situação, reclamando directamente dos patrões o que dos dominantes não conseguiram.

A grande agitação que o povo, num gesto de desespero, vem sustentando com constancia e energia contra os insaciaveis açambarcadores das riquezas sociais que o submeteram ao regimen da fome, muito ao contrario de decrescer, como era desejo dos que ruminam em sossego o fruto de suas falcatruas, tende antes para recrudescer. No Rio a luta decidida do operariado, agindo directamente, promete bom resultado.

Em São Paulo vai-se agitar novamente a momentosa questão da carestia, para o que estão já anunciados comicios.

A situação continua a ser a mesma — a miseria já se avizinha ameaçadoramente.

O governo faz promessas muitas promessas. Os altos comerciantes, os açambarcadores, reuniram-se, forjaram uma papelada para demonstrar — que não há remedio, que não existem trusts.

E o marechal presidente afirmou que afinal não ha carestia da vida!

Vê o povo? Tudo continuará na mesma — os grandes a acumular fortunas colossais e o povo trabalhador a morrer de inanição,

Que fazer, pois? Agir. Agir com decisão, directamente, sem pedir ao lobo que abandone a sua presa.

Os trabalhadores teem nas suas mãos o recurso unico — reclamar dos seus patrões, que são os mesmos açambarcadores, aquilo que os governantes não podem ou não lhes querem arrancar.

O operariado tem as suas associações, dispõe de uma grande força — a solidariedade.

Pois sirvam-se das suas associações, dessa força valiosa.

Com que fim? Para conseguir aquilo que não deve esperar de ninguem e que ninguem lhe concederá se não for constrangido a abrir as mãos.

Reclamem melhoras reais, como estas:

A jornada de 8 horas;

Aumento de uns tantos por cento nos salarios;

A equiparação dos salarios das mulheres aos dos homens;

Abolição do trabalho das crianças menores de 14 anos;

Abolição do trabalho nocturno das mulheres e dos menores.

Estas conquistas determinariam uma melhora mais ou menos positiva.

O trabalho das mulheres e das crianças provoca a baixa dos salarios. Acabe-se com ele e reduza-se as horas de trabalho que, com a procura de braços, os salarios serão elevados.

Só assim se conseguirá alguma coisa. Restarão unicamente promessas, promessas e promessas.

E não é isso que o povo quer.

No Braz

Amanhã, domingo, ás 7 horás da noite, realizar-se-á um outro comicio no largo da Concordia, no Braz.

Noutros lugares

Na proxima semana realizar-se-ão mais os seguintes *meetings*:

Terça-feira — A's 7 horas da noite, no Bom Retiro;

Quinta-feira — A's 7 horas da noite, na Barra Funda, na praça Brigadeiro Galvão;

Sabado — A's 7 horas da noite, na praça Coração de Jesus, nos Campos Eliseos;

Domingo — A's 7 horas da noite, no largo Guanabara, Vila Mariana.

A LANTERNA

Apesar da praxe jornalistica, julgamos conveniente declarar que os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores, salvo expressa adesão nossa ás ideias por eles expostas.

Seguindo a orientação moderna da imprensa independente, queremos que o nosso jornal seja uma tribuna de livre discussão, para uma investigação sincera da verdade e como um éco ás aspirações do nosso tempo.

UM MILAGRE EDIFICANTE

Quem é que disse aí ao lado que é ateu e não acredita nos milagres surpreendentes da Virgem Nossa Senhora Aparecida? Quem é? que eu quero esfregar-lhe as ventas com um caso miraculoso de tão subida transcendência, de tão sublime significação, que só êle é suficiente para converter ao catolicismo (pelo menos à mariolatria) todo orbe pagão, mesmo os reinados do irreverentemente incrédulo Satanaz.

E' um milagre, sim senhores, um milagre de encher o olho, um milagre autêntico, que não admite contestação, pois é narrado pela sacratissima folha catolica *Santuário da Aparecida*, «semanário religioso publicado com aprovação do exmo. rvmo. sr. arcebispo metropolitano» e «orgão oficial da basilica de Nossa Senhora Aparecida», segundo alardeia o seu horripilantemente anti-estetico cabeçalho.

Nós, que éramos ateus, desde as plantas dos pés ás pontas dos cabelos, aqui e na China e em qualquer parte onde estivessemos, ouviamos ha muito falar dos formidáveis milagres que à humanidade bestificada impingia uma muito ilustre Senhora da Aparecida, que nunca entretanto víramos mais gorda.

Ouviamos falar de coisas miraculosas de alta relevância, mas continuávamos, empedernidos, na nossa impenitente irreligiosidade. Nada nos demovia: a *santa* teimava egoisticamente em proporcionar as suas graças a um reduzido número de fiéis, e «graças» tão tolas e banais que não conseguiam nem de leve nos afastar da agradável companhia do pândego príncipe das trevas.

Agora, porêm, finalmente! veiu a luz do céu iluminar a nossa razão turvada pelo inferno, veiu a châma divina tocar a nossa alma amadurecida na poetica adoração ao Diabo! A luz divina, a chama do céu nos vieram dentro dumas singelas cinco linhas de má composição, do número 14, de 8 de fevereiro, do acima referido *Santuário da Aparecida*. Registam êste acontecimento inominavel, sob o titulo «Graças concedidas por N. Senhora Aparecida»:

Virgilio Manuel Lemes remete ao nosso rvmo. vigario 3$ para uma missa a N. Senhora, promessa feita e atendida quando estava para dar à luz.

Depois disto, quem é capaz de duvidar ainda das virtudes partejantes e quejandas da Virgem? Quem é capaz? Nós, de nossa parte já estamos grandemente edificados...

João Eduardo.

A lei do arrocho

OS SEUS EFEITOS

A nefasta lei de expulsão de estrangeiros no Brasil está dando que falar ao mundo. Já pela Europa repercutem vozes de protesto contra a monstruosa e draconiana lei que é um atentado á liberdade de pensamento, é uma afronta á dignidade humana e mais que tudo, um atestado bem frisante dos perversos sentimentos que ainda por certas influencias atavicas dominam os homens publicos deste paiz, impelindo-os á pratica de actos reveladores de instintos escravagistas, mais dignos dos subditos do czar da Russia que de cidadãos de uma republica americana.

Adolfo Gordo (o homem de Batatais) e seus companheiros da camarilha legislativa de que resultou a monstruosa lei, já estão, a estas horas, bem arrependidos diante do insucesso.

O trunfo saiu-lhes ás avessas. Em vez de redundar em prejuizo das ideias modernas no Brasil, em vez de, pelo medo, fazer calar os propagandistas da reforma social neste *paraiso*, neste *eden de delicias*, a lei de expulsão, fruto bastardo de suas cerebrações doentias, veiu pôr entrave aos progressos economicos do Brasil, fazendo desviar de nossos portos maritimos a corrente emigratoria que para aqui afluia com o fito de trabalhar as terras dos patrões a troco de magras recompensas que mal lhes bastavam para o pão de cada dia.

Acossados pela fome, impelidos pela miseria, ainda há pouco, vinham para cá, em busca de serviço, milhares e milhares de homens do trabalho, que se destinavam ás fazendas, ás fabricas, a todas as actividades reclamadas pela condição de nosso progresso sempre crescente, sempre admiravel em todas as suas manifestações.

Assim, transpunham as vastidões oceanicas, arrostavam todas as dificuldades e se dirigiam ao Brasil para lutar e viver honestamente junto com os naturais deste paiz e com os que os haviam precedido na triste e dolorosa viagem.

O Brasil então era ponto predilecto dos emigrantes europeus. Para aqui vinham as levas, quer da Italia, quer de Portugal, quer de Espanha.

Mas hoje, afinal, que acontece?!...

A lei de expulsão veiu espantal-os, e com razão.

Ela foi sancionada com o fito de fazer reviver para o operario neste paiz o regimen da escravidão extinta em 1888.

Os estrangeiros só virão hoje para o Brasil si quizerem substituir ao negro escravo que desapareceu com o promulgação da lei aurea.

Nem greves, nem protestos, nem queixumes, eis a condição imposta pelos patrões aos homens do trabalho. A lei de expulsão não tem outro fim. Ela estabelece este dilema: ou o operario se submete ás vergonhosas explorações dos capitalistas e se deixa morrer moralmente, ou se rebela contra o despotismo dos patrões e, neste caso, será imediatamente preso como desordeiro e forçado a deixar este paraizo, em curto praso, indo dar com o costado em algum navio que o levará para bem longe, para onde determinarem os satrapas desta corrompida republica.

Todavia, enquanto isso se dá, são recebidos no Brasil, festivamente, em legião, os roupetas, verdadeiros parasitas, que aqui encontram conforto, proteção e guarda.

Mas é chegado o momento de verem até que ponto chega a sua infamia: a Europa sabe do que aqui se passa. Já está feita a campanha contra a lei de expulsão.

Na França, na Espanha e Portugal ja sabem dessa lei scelerada. Já se teem realizado comicios de propaganda contra a emigração para o Brasil nas suas cidades principais e os seus jornais teem orientado o elemento trabalhador aconselhando o a não vir para o Brasil.

E essa campanha tem obtido franco e decidido apoio, não só na Espanha como em outras partes.

Ainda bem que assim aconteça.

J. P.

Secção amena

Até onde vai a idolatria a respeito do papa, mostra-o um artigo recente da Semaine religieuse, *de Périgueux, que estabelecia peremptoriamente que, quando o papa chora, «são as proprias lagrimas de Jesus».*

Mas então, quando o papa... aquilo é tambem de Jesus?

Em breve acabarão por fazer ao papa, como fazem ao Dalai-Lama, cujos... produtos dessa ordem se vendem a peso de oiro, pelo menos ao que nos dizem.

(La Libre Pensée).

Um selvagem africano, convertido ao catolicismo, foi confessar-se. O padre tem que especificar pecado por pecado, porque o pobre não sabe generalizar:

— Roubaste frangos?
— Não.
— Ovos?
— Não.
— Cocos:
— Não.

Absolvido, enfim, o confessado volta para junto dos seus amigos.

— Então? Como te arranjaste?

— Muito bem! Mas se ele me tivesse falado de patos, estava eu apanhado!

Eis o que escreve um boletim paroquial:

«A mulher pode muito pela economia; se é o operario que ganha o salario, é a mulher que o utiliza.

«A mulher, . um lar, é o GOVERNO; *o marido é o* CONTRIBUINTE; *é preciso que o g verno não arruine o contribuinte.»*

Tudo correrá bem, — não é verdade, reverendo? — se esse governo inscrever nas suas despesas o orçamento dos cultos!

Minha senhora, para sustento do vigario, se faz favor!

P. Erard.

EM GUAXUPÉ

Suicidio provocado por um padre

As proezas do padre Pinto Fraissat

Ainda sobre o caso de Guaxupé temos as seguintes notas, que nos foram enviadas por um leitor daquela localidade mineira:

"Sr. redactor.

A's colunas de vossa conceituada *Lanterna*, defesa dos pequeninos oprimidos e vergasta dos algozes, — pedimos agazalho para estas linhas, que virão certamente trazer mais um raio de luz sobre a personalidade do padre Pinto Fraissat, para que a sociedade possa ter melhor conhecimento da calva hedionda do hediondo padre.

Este morcego de sotaina (referimo-nos ao padre Fraissat), que tem procedido acachorradamente em todos os lugares em que tem estado, acaba de escrever de S. Paulo, onde se acha refugiado, a seus amigos daqui (pois ainda tem amigos tão vil criatura!) pedindo a estes que arranjem, por meio de um abaixo-assinado, um documento que ateste sua boa conducta nesta localidade, de onde saíu corrido, enxotado pelo povo, e onde foi vigario ultimamente.

O padre fez este pedido a seus amigos, porque o bispo, sentindo sua *santissima* cara enrubecer-se um pouco, suspendeu-o das ordens, talvez até que o povo se esqueça de suas proezas praticadas ultimamente.

O Pinto quer esse documento para apresentar ao bispo para que este lhe dê uma paroquia qualquer para ele continuar a sua devassidão desenfreada.

Como soubemos que seus amigos, acedendo a esse pedido, andam, de baixo para cima, com um abaixo-assinado em que se diz que o padre é um *inocentinho*, um *santinho*, e que, portanto tudo quanto dele se diz é uma vil calunia, vimos nós tambem auxiliar os amigos do *reverendo*, escrevendo estas linhas, que muito recomendarão o Fraissat não só perante o bispo como tambem perante a sociedade.

O sr. reverendo padre Pinto Fraissat chegou a esta localidade ha 5 ou 6 anos, acompanhado de uma porção consideravel de parentes, ou melhor, de *parentas*, e ultimamente saíu corrido, enxotado pelo povo justamente indignado, e deveria ter levado uma boa surra, como lembrança desta boa terra, onde, como Pinto que é, pintou o diabo, ás direitas. Teve uma conducta invejavel nesta localidade, como vamos referir por alto, porque se fossemos referir com minucia dariamos materia para a composição de 300 paginas de um livro

O padre Pinto é mais um sacerdote de Baco que um padre catolico apostolico romano. Sempre bebedo, tanto na igreja, onde desfeiteava o povo, como na rua e dentro de sua casa. Por ser o reverendo grande consumidor do alcool, os negociantes de cerveja e outras bebidas alcoolicas estão lamentando sua saída de Guaxupé, e teem razão, porque depois que o padre Pinto foi-se embora baratearam os preços das bebidas.

Bebedo sempre, é o estado normal do Pinto.

Jogador apaixonado é o padre Fraissat. Vejamos como o padre gosta do jogo e como é caipora para jogar.

Ha pouco tempo realizou se nesta localidade uma festa popular com leilões, quermesse, cinematografo ao ar livre e jogo; (os banqueiros dos jogos pagavam licença ao padre) para auxiliar as despesas do hospital. O padre Pinto Fraissat foi nomeado tesoureiro. Sabem que fez o tesoureiro? Bebedo, meteu-se no jogo e perdeu todo o dinheiro em seu poder; dinheiro esse que devia ser entregue no dia imediato ao tesoureiro do hospital de Guaxupé...

Bonito! O povo deu seu rico dinheiro tão boamente para minorar os sofrimentos dos desprotegidos da sorte que gemem nos leitos do hospital e sua reverendissima, tesoureiro, em vez de dar ao dinheiro o fim nobre a que se destina, vai consumil-o no vicio de sua paixão — o jogo, o maldito jogo, tão maldito como o padre desalmado que deixou os pobresinhos chuchando no dedo.

Depois da proeza da festa o padre andou meio socegado, descansadamente curtindo suas descomunais bebedeiras, até o dia em que se deu o suicidio do inditoso moço José de Barros, de saudosa memoria, vítima do viciado padre, como os leitores da *Lanterna* estão scientes.

Pensará o meu leitor que foi a ultima façanha do Fraissat a desordem que promoveu em a noite da morte de José de Barros? Pois não foi.

Tem mais esta:

Na vespera de sua saída, o padre, que conhecia a indisposição do povo contra sua pessoa, mandou chamar a zeladora da igrejinha da Aparecida e pediu a esta que lhe entregasse os objectos de ouro pertencentes a N. S. da Aparecida que se achavam em poder da zeladora; esta, não querendo atender o pedido do padre, disse-lhe que não entregava a ninguem os referidos objectos, porquanto eram destinados a ser vendidos para, com o dinheiro apurado na venda, comprar materiais e pagar operarios para retocarem o pequeno templo. Insistindo para apanhar os objectos, retrucou o padre á zeladora, dizendo que para concertar a igreja não era necessario vender ouro, uma vez que em Guaxupé ha muitos ricos e estes que dessem o dinheiro para a dita obra; e que ele exigia que lhe fosse entregue tudo porque iria entregar ao bispo. Ante a impertinencia do reverendo, a pobre mulher teve de ceder e o santarrão agarrou os valiosos objectos com as duas mãos, dizendo, quem sabe, para seus botões: *refrescarei a garganta* e Nossa *Senhora da Aparecida que se vá bugiar*, depois *de queixar-se ao bispo...*

Pirilampo."

Liga Anticlerical do Rio de Janeiro

Realizou-se quinta-feira, 6 do corrente, a assembleia geral mensal.

A's 8 1|2 horas, achando-se presente elevado numero de associados, foi aberta a sessão pelo socio eleito para presidir aos trabalhos, o companheiro José Caiazzo.

Procedeu-se á leitura da acta da assembleia anterior, sendo aprovada.

Foi apresentado o balancete do mez de fevereiro e nomeada uma comissão de tres membros para dar parecer.

Entre as diversas resoluções tomadas, merecem menção:

A que modificou o art. 13º, dispensando os socios novos de contribuir com mais uma quota de admissão;

a que aprova a ideia do secretario da Federatión Internationale de la Libre Pensée para que se promova a fundação da Federação Brazileira do Livre Pensamento;

a que manda imprimir a poesia de Guerra Junqueiro "A Semana Santa".

Foi encerrada a sessão ás 10 1|2 horas da noite.

— Quinta feira proxima o companheiro Astrogildo Pereira fará uma conferencia, ás 8 horas da noite, na séde da Liga.

A entrada é franca mesmo para as pessoas não associadas que queiram assistir.

Rua Marechal Floriano Peixoto, n. 118.



O milagre de Béziers

Ora bolas! o milagre de Béziers, aqui anunciado sob o titulo de *Nova Lourdes?*, já morreu!

Foi sonho de pouca dura! Já os habitantes de Béziers se viam, em imaginação, largamente visitados por sequiosos peregrinos, vendendo bem o seu vinho e montando um prospero comercio de lenços bentos, de santinhos, de rosarios, de medalhas e demais artigos do Bazar da Fé, de Deus & Filho (em comandita), quando o clero, desconfiado e cauteloso, declara que não toma o negocio sob a sua protecção. E por isso nada feito. Os tempos estão diabolicos, ha mais descrentes do que formigas, e a coisa seria novo motivo de descredito para a Igreja. Nada, nada! Isso ainda serve, mas em algum rustico ou sertanejo recanto, muito afastado da civilização...

E lá foram os belos sonhos de riqueza por agua abaixo. Adeus Virgem, lenços bentos, negocios lucrativos, venda de vinho e de bentinhos! A leiteira, dançando, quebrou a bilha do leite...

Um aventureiro invulgar

Patriarca catolico, protestante, ladrão

Em França, foi recentemente preso um extraordinario aventureiro: um tal Herriot-Bunoust, ex-padre, ex-patriarca de Jerusalem, ex-director de seminario e agora militante da igreja reformada.

E' acusado de ter roubado dois milhões de francos a uma rica herdeira, em circunstancias nada banais.

Após uma vida muito movimentada, este militante do protestantismo leigo encontrou em Niza, em 1901, uma certa familia Bertin, que compartilhava as suas ideias e era composta do pai, velho maníaco de sessenta anos, da mãe e duma menina.

Herriot-Bunoust, que tinha então quarenta e tres anos, enfeitiçou os velhos e decidiu-os a confiarem-lhe a educação da menina, unica herdeira duma riqueza colossal. Tratou logo de a enviar á esposa.

Em seguida, aterrorizando a pequena, ditou a esta cartas monstruosas para o pai, afim de lh'a tornar odiosa. A mãe morreu em breve, e ao acabrunhado pai sugeriu o «educador» a ideia de ir em missão sagrada ao sul da Tunisia. Apenas desembarcado, o velho morreu por sua vez!

Herriot-Bunoust e sua mulher ficaram sendo donos absolutos da menor. Sequestrando-a, aterrando-a, o digno casal obteve joias, titulos, castelos, casas de campo, etc., em suma, quasi todos os haveres dos Bertin. A extorsão atinge o total de dois milhões de francos.

Em 1912, mademoiselle Bertin, já na maioridade, fugiu, vindo a casar com o sr. Josserand, que compreendeu o crime de que fôra vítima a sua joven esposa.

O ex-patriarca Herriot-Bunoust estava habituado a extorquir dinheiro aos crentes de varias religiões. Nunca deixou de ser o mesmo aventureiro, que compreendeu a utilidade da religião, seja qual for; nem lhe custou variar de religião, pois não variou de instrumento... O diabo foi levar longe demais a empresa, porque nisso se perdeu...

S. S. G.

A "Lanterna" no Rio Grande

Tivemos ontem o ensejo de assistir, mais uma vez, ao passeio burlesco feito pela N. S. dos Navegantes entre esta cidade e a fronteira vila de S. José do Norte.

Desde as primeiras horas da manhã que se movimentou uma parte da população desta cidade para assistir ao carnaval catolico, cujo carro alegorico da ignorancia era um hiate que em seu convez trazia o tambem hiate da suposta padroeira dos marinheiros, carregado com um tronco de pau aformoseado, ao qual dão o pomposo nome de N. S. dos Navegantes.

Um terço das pessoas que foram á fronteira vila foram sómente porque no vapor "America" apreciariam os trabalhos da abertura da barra; outro terço foi porque sendo esta cidade seu arrabalde, o fez para distrair-se; do terceiro terço a metade foi pela curiosidade, ficando assim a outra metade que o fez por carolismo.

Doeu-me n'alma ver aquela gente acompanhar a procissão maritima até esta cidade, por meio de lanchas e rebocadores, por compreender eu que o homem que, abandonando a razão para venerar um pouco de argamassa, pau ou coisa parecida, oferece aos olhos dos indiferentes o exemplo frisante da humilhação, da ignorancia, da falta de senso comum, que o faz ser olhado por nós, os homens livres, com dó e piedade, por vermos até que ponto chegou a sua escravidão de consciencia e o embrutecimento de seu cerebro e dos seus sentimentos morais.

Sim, porque um homem moralizado jamais dobrará o joelho perante uma imagem de pau, quando ele não o faz ante aqueles que lhe deram o ser.

A moral de um homem civilizado jamais permitirá a crença em idolos, pois que a civilização, pela revolução sociologica, aboliu por completo a mitologia e a idolatria.

Aquele que se dedique um pouco ao estudo da psicologia não compreende nem compreenderá jamais como ainda hoje existam homens que se curvam reverentes perante um idolo, quando eles proprios vacilam em aceitar a infalibilidade daqueles que os impõem á humanidade: os papas. Sangrou o nosso coração de riograndense livre ver a forma como campeia o jesuitismo, acompanhado do fanatismo religioso, consequencia da ignorancia de um povo que tem uma constituição cujo artigo 72 regra 8.ª diz: Continua proibida no Brazil a companhia dos Jesuitas.

E no entanto, quando qualquer povo, mais esclarecido do que nós, expulsa essa corja de hipocritas, essa clericanalha infrene, o nosso "liberrimo" paiz os recebe de braços abertos como se precisasse do seu deus ou da sua religião para ser bem governado ou para ficar livre do seu deus falso e por isso mesmo sujeito ao carimbo respectivo das Alfandegas, como se faz nas moedas falsificadas, pois que o deus catolico não representa mais do que uma nota do Banco emissor do Sul, (Banco que está extinto ha muitos anos e cujas notas já foram destruidas no forno de incineração da casa da moeda).

Rio Grande, 17 — 2 — 913.

Ganganeli 53.



Os deuses e o negocio

Numa cidade da China, um viajante entrou um dia na loja dum negociante de chá. O chim, com os seus olhinhos obliquos sorrindo finamente sob as grandes lunetas, recebeu-o com abundantes reverencias cumprimentos: é costume da terra, e demais o freguez parecia abastado.

— Dê-me chá, faça favor.

— Sim, senhor. Tenho-o excelente, da especie chamada sobrancelha de velho, cujo aroma é digno de deliciar as narinas dos deuses imortais... Custa um dolar a libra.

— Dê-me duas libras desse chá.

O chinez satisfaz o pedido.

— Pronto, senhor. São dois dolares e meio...

— Como? Duas libras a um dolar são dois dolares e meio?

— Sim, senhor. Os deuses imortais gostam de que se gaste conforme os haveres proprios. Quanto mais compra uma pessoa, mais rica mostra ela ser; e quanto mais rica é, mais deve pagar.

SEMEAR, PARA COLHER

A TODOS OS AMIGOS DA "LANTERNA" LEMBRAMOS QUE, DEPOIS DE A LEREM É DA MAXIMA UTILIDADE NÃO A DESTRUIREM. OS QUE NÃO A GUARDAREM, PARA COLECIONAR, DEVEM DÁ-LA A OUTRA PESSOA, LÊ-LA AOS QUE NÃO SABEM LER, DEIXÁ-LA NAS FABRICAS, NAS OBRAS, NAS OFICINAS, NOS BARBEIROS, NOS CAFÉS, NOS RESTAURANTES, NOS JARDINS, NOS CARROS, NOS TRENS NAS BARCAS, ETC., EM TODA A PARTE, ENFIM, ONDE POSSA SER LIDA POR OUTROS. ESPALHAR É SEMEAR, É TORNÁ-LA CONHECIDO, É FAZER DELA A PROPAGANDA, É CONQUISTAR NOVOS ADEPTOS PARA A NOSSA OBRA.

TAMBEM TODOS DEVEM ARRANJAR NOVOS ASSINANTES E DESENVOLVER A VENDA AVULSA, AFIM DE QUE POSSA PROPAGAR MAIS LARGAMENTE A OBRA EM QUE TODOS ANDAMOS EMPENHADOS.

LIGA ANTICLERICAL DO RIO DE JANEIRO

Associação filiada á Federação Internacional do Livre Pensamento, com séde em Bruxelas (Belgica).

Todas as quintas-feiras, á noite — admissão de novos associados, conferencias e palestras.

— Aulas para os socios e suas familias, tambem á noite, durante a semana, de portuguez, francez, aritmetica, geografia, historia, desenho linear e geometrico e outros mais que serão oportunamente inauguradas.

RUA MARECHAL FLORIANO N. 118 1.º ANDAR.

O QUE VAI PELO MUNDO

Resenha internacional do movimento anticlerical, livre-pensador e social

Inglaterra

O DIVORCIO — Actualmente, na Inglaterra, para uma mulher obter o divorcio, tem de provar, alêm do adulterio do marido, que foi espancada diante de testemunhas! A comissão régia do divorcio publicou o relatorio sobre o seu inquerito, que dura ha anos: pede que os motivos de divorcio sejam os mesmos para os dois conjuges: adulterio, abandono da familia pelo marido durante tres anos, loucura incuravel após cinco anos, embriaguez incuravel após tres anos de observação, seriam motivos bastantes.

Dos doze nomeados para esta comissão, assinam nove este relatorio. A minoria, á frente da qual se acha o arcebispo de Canterbury, primás da Igreja anglicana, faz as objecções comuns dos cristãos a qualquer reforma do actual sistema, injusto e cruel. Baseiam-se nos arcaicos principios cristãos, ha muito em contradição com a vida — sobretudo com a vida dos padres...

UMA GREVE EM HAMBURGO — Nos serviços do metropolitano de Hamburgo manifestou-se uma greve no dia 1, terminando logo no dia 2. Sabado á noite, entre as vinte e uma e vinte e duas horas todo o serviço cessou. Os empregados tinham abandonado o trabalho. A direcção da Companhia, procurando desacreditar o seu pessoal perante o publico, insinuou que se haviam dado alguns actos de sabotagem, fazendo nesse sentido queixas á prefeitura da policia, as quais retirou na manhã seguinte. Imediatamente se realizou um acôrdo: a direcção aumentou o salario e readmitiu os operarios que haviam sido despedidos.

A ORGANIZAÇÃO OPERARIA — O ultimo numero do *Boletim da União Internacional dos Operarios em Madeira*, que se publica em Berlim, publicou um quadro comprovativo dos relatorios anuais das organizações aderentes durante o ano de 1911. No ultimo mez de 1911 a União compunha-se de 41 federações, englobando 20 nações. Dessas federações 4 ainda não deram nota do seu movimento; e as restantes declararam contar 2.796 grupos ou secções locaes com um efectivo de 287.326 filiados. O numero de aderentes aumentou por esta forma:

	1910		1911
Belgica . . .	4.344	—	5.454
Alemanha . .	165.042	—	182.750
Inglaterra . .	6.685	—	10.122
Noruega. . .	2.700	—	3.500
Rumania. . .	300	—	400

Suissa

O MOVIMENTO COOPERATIVISTA — A União Suissa, centro principal do movimento cooperativista suisso, publicou um interessante balanço do seu movimento. O numero das sociedades aderentes que em 1911 era de 348, passou, em 1912, a 369. Dessas sociedades quatro desapareceram, duas por fusão e duas por liquidação. O capital social subscrito passou de 123.200 francos a 131.800 e o capital de garantia de 469 a 502.000.

Russia

O DESPERTAR DO PROLETARIADO — A epoca sombria que se seguiu ao cheque da revolução russa — verificou um jornalista francez — pertence ao passado. O governo do czar mantem e acentua o feroz regime da repressão contro-revolucionaria. O proletariado, por seu turno, acentua a sua acção reivindicadora. Alguns factos e cifras, que constituem um depoimento eloquentissimo, são a mais completa prova do que afirmamos.

No dia 1 de maio de 1912 faltaram ao trabalho 300.000 operarios, enquanto no periodo que decorre de 1908 a 1911 a União Patronal de Moscou registou apenas, no mesmo dia, 83.000 folgas. Ao mesmo tempo verifica-se que durante o ano de 1912 400.000 operarios tomaram parte em diferentes greves de caracter politico.

Os massacres de Iena e a condenação á morte de dezesete marinheiros revolucionarios da esquadra do Mar Negro provocaram em toda a classe operaria um movimento de protesto que, nos grandes centros, tomou o caracter de greves em massa.

Os operarios de Petersburgo e de Moscou declararam greve no dia da abertura da Duma, em 28 de novembro ultimo, para reivindicar, principalmente, uma modificação na lei de seguros de trabalho. O numero de grevistas subiu a 50.000.

No dia do aniversario da morte de Tolstoi os operarios das duas cidades abandonaram o trabalho.

A perseverança e a devoção que os militantes manteem para sustentar os orgãos na imprensa tornam-se verdadeiramente admiraveis. Ao orgão dos metalurgicos de Petersburgo foi destruida a tipografia pela policia; antes disso tres numeros foram apreendidos.

O orgão dos tipografos apenas pôde publicar sete numeros, vendo-se obrigado a mudar de titulo para evitar a suspensão forçada.

Além disso foram publicados jornais dos padeiros, dos empregados de escritorio, dos empregados do comercio e dos alfaiates. Entretanto o partido socialista, com uma actividade admiravel, sustenta duas folhas na capital moscovita: *Prawdo (Verdade)* e *Lontch (Raio)*.

Estados Unidos

VELHO SEMEADOR — Completou ha pouco 40 anos de vida o jornal livre-pensador *Truthseeker* (Investigador da Verdade).

Foi fundado em 1873 pelo dedicado propagandista Benett e é actualmeute dirigido por G.-E. Mac Donald, conhecido combatente do livre-pensamento.

Austria

PELA PAZ — A «Sociedade Austriaca da Paz», cujas ideias são bem moderadas, editara um cartaz que concluia assim:

«O povo não quer guerra.

«Não a quer o camponez, pois só na paz pode a agricultura prosperar.

«Não a querem o operario, o empregado, o funcionario, pois a guerra traz a carestia da vida e a desocupação.

«Não a querem o patrão, o industrial, o comerciante, pois a guerra destroi o credito e o comercio.

«Não a querem o sabio, o educador, o artista, pois basta uma guerra para destruir o trabalho civilizador de muitos seculos.

«Não a querem as mães, pois os filhos criados á custa de trabalhos e sacrificios infinitos, para se tornarem artifices e sustentaculos dum futuro mais belo, são condenados pela guerra ás enfermidades e á morte.»

Este timido cartaz, que se limitava a aconselhar contra a eventualidade de uma guerra platonicos protestos e ineficazes «meios juridicos» (?), foi contudo considerado como subversivo na Austria, onde foi proibida a sua afixação. Em sinal de protesto, foi afixado em Paris pelas «Sociedades francesas da paz».

PERSEGUIÇÕES — Em Zara, capital da Dalmacia, formou-se um activo grupo de livres-pensadores croatas, mas a policia não os deixa tranquilos, procurando impedir a propaganda anticlerical. Por causa duma inocua manifestação á memoria de Ferrer, houve processos, buscas, prisões e apreensões!

VIDA OPERARIA

EM S. PAULO

O trabalho de organização — O proletariado de S. Paulo, que durante um bom periodo do tempo deixou em completo abandono o trabalho necessario da organização sindical da sua classe, vai alfim entrar em um novo periodo de franca actividade, reavivando a obra tão brilhantemente sustentada, vai para quatro anos, pela Federação Operaria e as agremiações que reunia.

Para romper com o enervante estado de apatia que ameaçava atrofiar todas as energias, um pequeno nucleo de antigos militantes do meio operario resolveu reencetar o trabalho de reorganização dos sindicatos, iniciando a sua acção pela constituição do Sindicato Operario de Oficios Varios, sendo já bastante prometentes os resultados dos seus exforços.

Dado com exito o inicio do seu programa de acção, espalhou esse Sindicato um bom manifesto fazendo sentir aos trabalhadores a premente necessidade da sua união em agremiações de resistencia e convidando-os para a reunião realizada na terça-feira no Salão Alhambra.

Apesar da chuva que caiu na hora aprasada, a concorrencia a essa assembleia foi bastante regular, demonstrando todos os presentes o mais vivo interesse pelo movimento associativo a que se está dando começo.

Expondo os fins do Sindicato, que se dispõe a associar todos os operarios para depois constitui-los em sindicatos de classes, falaram varios companheiros, que salientaram os excelentes resultados da organização sindical.

As listas de inscrição distribuidas entre os presentes reuniram um bom numero de associados.

Antes de terminar a reunião foi lançado um protesto contra a infame violencia de que está sendo vitima o operario Adolfo Anta, preso ha dois mezes em Santos e de lá transportado para o Rio, onde se encontra recolhido, sem culpa formada, na Detenção.

— Sendo já suficiente o numero de associados, vão ser constituidos os sindicatos dos pedreiros, estucadores e serventes, dos sapateiros e dos trabalhadores em madeira.

— Na segunda-feira realizar-se-á uma nova reunião do Sindicato.

CATECISMO ATEU

Com o intuito de desenvolver a nossa obra, o Grupo de Educação Social mandou vir de Portugal o resto da edição deste esplendido folheto que, pela simplicidade de sua linguagem e a solidez da sua argumentação, é muito apropriado para a propaganda no seio do povo, entregue aos preconceitos embrutecedores da religião.

Está á venda nas seguintes condições:

Pelo correio:

100	12$000
50	6$500
25	3$500
1	$200

Na redacção:

100	10$500
50	5$500
25	3$000
1	$200

A todas as sociedades, grupos e companheiros que se dedicam á propaganda emancipadora recomendamos o Catecismo Ateu, *que será substituido por outro folheto, logo que tenha sido esgotada a sua edição.*

O Grupo de Educação Social tem tambem a sair do prelo o excelente folheto de Malatesta — Entre Camponeses.

Bilhetes e recados

Rio — Adrecal: Deve ser na sexta e não na quinta-feira santa. Nesse dia produzirá mais efeito. O Abranches já nos mandou o *arame*. Saude!

Sete Lagoas — P. T.: Pela sua carta verificámos o engano que provocou o extravio dos jornais dos dois novos assinantes. Agradecidos pela comunicação. Saudações.

Norte — M. V. de C.: O jornal está sendo remetido para o endereço indicado. Urge mesmo intensificar por esses Estados a propaganda contra todas as religiões, seitas e preconceitos sociais que atrofiam a energia do povo oprimindo. Saudações.

Ribeirão Preto — J. Romedenne: O folheto foi imediatamente remetido. Alguem do correio precisou dele... Seguiu outro. Saudações.

Rio — João Antunes: O jornal foi sempre remetido com pontualidade. Seguiram os ns. extraviados. Saudações.

Tanhá — H. M.: Recebemos os 6$ para o azeite da *Lanterna*. Oxalá a sua luz possa penetrar por todos os escusos refugios da sagrada canalha por aí .. como aqui dominante. Agradecidos. Saudações.

Guaxupé — N.: Recebemos os 5$ para a subscrição em favor de Kropotkine. Foi riscado o endereço do assinante falecido. Saudações de todos.

Limeira — E F.: Recebemos o seu vale. Seguiu o recibo. Se todos fizessem o que pudessem muito mais resultados daria o nosso esforço. Saudações.

Esp. Santo do Rio Pardo — A. P. N.: Recebemos a importancia de sua assinatura. Com toda a pontualidade continuará a seguir. Saudações.

Usina Ester — J. M. G.: Suspendemos a remessa. Saudações.

Belém — J. A. S da C.: Recebemos a importancia de sua assinatura. Saudações.

Pelotas — G. L.: Remetemos-lhe os folhetos. Vão os exemplares do *Catecismo ateu* correspondentes ao excesso. Saudações.

Rio — M. de Macedo: Recebidos os coupons. Faremos a rectificação. Não bastou a explicação que demos-te a respeito? Em todo caso escrever-te-emos. Saude!

Votorantim — T. A.: Não faltará ocasião de lhe prestar o seu concurso. Saudações.

Rio — Myer: Recebi as copias, que já entreguei ao Orellana. Obrigado pelos jornais. Isso por aí vai ás mil maravilhas. Ainda bem. Saude!

Mato Grosso de Batatais — C. L.: Os estatutos publicados no ultimo n. da *Lanterna* poderão servir com algumas modificações quanto á sua constituição. Muito acertada a iniciativa da fundação de uma Liga aí. Saudações.

Campinas — C. B.: Seguiu o *Noli me tangere*. Saudações.

Mineiros — O. P. de A. P.: Já foi iniciada a remessa da folha. Seguiu o recibo do ano pago. Saudações.

Pau d'Alho — Bombarda: Seguiu o recibo. Infelizmente no fundo não passa de uma disputa ao redor da gamela rendosa da Igreja. O homem deu o desespero porque lhe tiraram a mamata. Prestou-nos entretanto um servição atirando eí para o mundo profano as *purezas* de D. João Nery. Saudações.

Alegrete — V. F. L.: Rem temos-lhe os postais. Saudações.

S. R. do Passa Quatro — J. L. de O.: Vamos receber a ordem. Precisamos saber que preço lhe foi dado, para lhe remetermos o restante. Saudações.

Poços de Caldas — A. V.: Já saberás que o *Cavaleiro de la Barre* ainda não foi publicado em livro. E' uma tradução especial para a *Lanterna*. Saudações.

Sertão de Minas — Z. Z.: Seguiram os 20 exemplares. São para a propaganda. Saudações.

Itambé — A. G. A.: Foi satisfeito o seu pedido de folhetos. Saudações.

Rio — Jango: Recebi os jornais. Estão bons os *carões*. Não recebo a *E*. Veja se a consegues. Estupenda a agitação. Falam em expulsar os estrangeiros, mas cá ficaremos os nacionais para lhes colocar a pedra nos sapatos. Infelizmente não me é possivel. Saudações aos rapazes.

Capim Branco — P. R.: Recebemos os 10$ de sua assinatura. Registámos os novos assinantes. Seguiram os coupons e um pacote para a propaganda. Gratos lhe somos pela dedicação demonstrada em favor da *Lanterna*. E só com o auxilio dos companheiros de ideias poderá divulgar-se por este imenso paiz. Saudações.

Campos Novos — B. A.: A tua quantia sairá na subscrição. Aproveitaremos as tuas informações. Saudações dos companheiros.

Campos Novos — J. S. C.: Lamento a desgraça de que foste vitima. Aos parasitas que vivem a fazer mal á humanidade, não sucede isso. Recebemos os 10$ enviados pelo B. A. Saudações dos antigos companheiros.

Rio — Busse: A musica que encontramos não é para piano. Serve? Saude!

Rio — Abranches: Seguiu carta. Recebidas as cartas e o vale. Registamos os 1$ de Pedro Boni para o azeite da *Lanterna*. Para conseguirmos dar maior circulação ao jornal temos que nos sujeitar a isso. Deve ser pouca vontade. E lamento não o conseguirmos. Era de esperar que com a conducta recta da F. O. os intrujões se recolhessem aos bastidores. Mas que poderemos fazer mais com um semanario, quando a agitação tem dado assunto para paginas inteiras aos grandes diarios? Aos comentarios gerais temos que nos singir. Saudações.

Ferraz Sales — S. M. Q.: Seguirá a informação que pede. Saudações.

Santos — A. R. M.: Pois o jornal foi sempre remetido. Caía com certeza nas mãos de algum apreciador... Fizemos a transferencia. Saudações.

Carmo do Parahiba — M. C.: Transmitimos ao amigo Everardo o recado sobre a comedia. Recebemos o primeiro artigo da série. Podem vir de ambos os lados mesmo... Saudações.

FOLHETIM DA LANTERNA (37)

MIGUEL ZEVACO

CAVALEIRO DE LA BARRE

Grande romance histórico

ESPECIALMENTE TRADUZIDO PARA A LANTERNA)

SEGUNDA PARTE

Flor de Maio

XIII

AO PÉ DO ALTAR

— Deus ia comigo.

— Não tivestes encontro algum?

— Nenhum!

— Deus seja louvado! disse a superiora, sem reparar na subita lividez da freira. Já que aqui estais, falemos daquela rapariga. O primeiro resultado por vós obtido é maravilhoso. Mas não basta. Precisamos de converter essa pobre hereje. Quereis encarregar-vos disso?

— Estou ás vossas ordens.

— Urge que essa moça seja batisada e faça a sua primeira comunhão. Tem de confessar, para isso, os seus pecados, ao confessor que lhe está designado.

— Quem é? Preciso de o saber.

— E' o proprio sr. arcipreste Gerfaut, que, a meu pedido, se dignou aceitar o encargo. Logo que receba o papel que os dois frades lhe vão levar ao amanhecer, é muito provavel que venha. Mas á obra desde já, portanto. Sereis recompensada.

— Não peço recompensa alguma.

— Sois uma santa!... Ide descansar, irmã, e Deus vos dê um sono tranquilo.

— Reverenda madre: desejo passar o resto da noite em oração.

— Quereis preparar-vos para a vossa missão? Fazei o que vos aprouver. Até que triunfeis, ficais dispensada de regularidade nos exercicios, recreio e refeições. A regra fica suspensa para vós.

Sóror Santa Madalena inclinou-se e saiu, deixando a superiora satisfeita por ter um bom instrumento, docil e fanatico, das suas ambições.

A carmelita penetrou na capela e permaneceu ali ajoelhada até ao alvorecer. Quando se levantou, fixou com olhos claros o tabernaculo o examinou os quadros da capela, como se nunca os tivesse visto. Ao sair, molhou maquinalmente os dedos na pia de agua benta, mas não chegou a benzer-se. Insensivelmente, pôs-se a recordar os seus trinta anos de inutil vida conventual: nada! era o deserto! era o vazio! No jardim, iluminado pelo clarão matutino, milhares de passaros perseguiam-se e chilreavam alegremente. Tudo vivia! tudo amava! E ela estivera enterrada toda a mocidade! Agora, era impossivel recomeçar a vida. Nada lhe restava — nem sequer a fé!

Numa imensa amargura, os soluços subiram-lhe á garganta, as lagrimas sulcaram-lhe as faces. Uma juventude malbaratada, uma vida toda perdida, sem sentido, sem fim, sem utilidade — porque, de repente, ao contacto brutal duma realidade, a sua base desmoronara.

E de subito, como se lembrasse de Flor de Maio e da necessidade de a salvar, enxugou as lagrimas, reconheceu um novo motivo de viver e subiu lentamente á cela da pobre moça.

XIV

A SUPERIORA

Entrando na cela de Flor de Maio, sóror Santa Madalena dirigiu-se a ela, tomou-lhe as mãos e disse:

— Minha filha: preparai-vos para um grande acontecimento.

— Ides dizer-me o nome de meu pai!

— Ele proprio vo-lo dirá!

— Que dizeis? exclamou Flor de Maio.

— Vosso pai está perto. Ides vê-lo; mas, suplico-vos, sêde forte — ou estamos perdidas!

Flor de Maio, com efeito pusera-se livida e tentava falar em vão.

— Calai-vos! calai-vos! disse a freira. Escutai-me. Vou sair ás nove: são oito horas. Quero tentar uma coisa arriscadissima: levar-vos comigo. Se formos bem sucedidas, estamos salvas. Tendes coragem?

— Sim, irmã!

— Esperai-me. Se vier alguma irmã, não faleis, não respondais.

A religiosa saiu e Flor de Maio deixou-se cair num assento, soluçando, sacudida por uma crise nervosa. Cinco minutos depois, voltou sóror Madalena, que desfez um embrulho, contendo um habito completo de carmelita.

— Depressa! depressa!

Em quanto Flor de Maio se vestia febrilmente, tremula e desageitada, ajudada nervosamente pela freira, esta recomendava:

— Quando passarmos diante da irmã rodeira, baixai a cabeça, não digais nada, e fazei por caminhar com passo igual, sem precipitações. Vamos, abraçai-me, minha filha, porque este minuto é verdadeiramente terrivel.

Flor de Maio lançou-se nos braços da freira, murmurando:

— Vós sois minha mãe!

A carmelita estremeceu a uma ideia que lhe acudiu de repente. Não lhe dissera Salverio que a mãe de Genoveva morrera?... E se ela pudesse vir a ser a mãe daquela jovem?... Que sonho para a pobre mulher privada de todas as alegrias da vida!

Deram as oito e meia no relogio do convento.

— Vamos! disse a religiosa.

E dirigiu-se para a porta, no momento em que esta se abriu de per si. Apareceu a superiora, escoltada por grande numero de freiras e pelos dois jardineiros do convento.

— Agarrai sóror Santa Madalena, ordenou a superiora, e encerrai-a no *in-pace*!

Num instante, sóror Santa Madalena foi agarrada e arrastada pelos jardineiros e por algumas freiras. Quanto a Flor de Maio desmaiou.

— Parece que chego a tempo, disse a superiora. Retirai-vos, irmãs. Esta jovem voltará a si. Ninguem se aproxime desta cela!

As freiras retiraram-se, tremendo ante a furiosa colera da superiora, que fechou á chave a cela de Flor de Maio e voltou para o seu quarto.

Como fôra ela informada?

Ao acordar, ás sete e meia, chamou a velha religiosa que lhe servia de criada e, depois de se informar da partida dos dois frades, começou a vestir-se com a ajuda da serva.

Ana de Beuvre vivia no convento como uma dama, livre do maior peso da regra monastica, comodamente instalada, com os cabelos intactos.

— Que ha de novo na casa? perguntou ela, em quanto a criada a penteava.

— De novo? Mais do que o necessario...

— Como assim?

— Esta madrugada levantei-me para ver se partiam cedo D. Mafio e frei Oremus. Ao voltar, entrei na capela... e que vi eu?

— Sóror Santa Madalena...

— Estais bem informada, reverenda madre.

— Fui eu, disse sorrindo a superiora, que a autorizei a rezar para se preparar para uma grande obra...

— Sim, mas sóror Madalena rezava de um modo!...

— Então?!

— Estava de pé no meio da capela, murmurando, sem reparar em mim...

— Rezava de pé: não é coisa extraordinaria!

— Mas é que não rezava: longe disso!

Ana de Beuvre voltou-se vivamente para a religiosa, dizendo-lhe com secura:

— Explicai-vos! Desejo que observeis o que se passa no convento, mas não quero acusações injustas! Parece-me que tendes ciumes de sóror Madalena desde que lhe concedo alguns leves e merecidos favores...

— Então calo-me... Decerto vi mal... ouvi mal...

— Explicai-vos sem demora!

— Visto que assim ordenais, reverenda madre, vou falar. Mas Deus é testemunha de que o faço contra a minha vontade... Sempre custa acusar e ainda mais achar o mal onde se cuidava ir encontrar o bem.

— E' então grave o que ides dizer-me? exclamou a superiora, já inquieta.

— Ides avaliar. Morta seja eu por um raio, se me engano ou minto. Sóror Santa Madalena atraiçoa os interesses da Igreja, os do sr. arcipreste e os vossos!

Ana de Beuvre levantou-se, com um grito:

— Dizei depressa! Talvez seja tarde demais!

— Quando a encontrei hoje na capela e a ouvi murmurar, absorta, aproximei-me para lhe surpreender os pensamentos, como é nossa regra, afim de nos preservarmos do peccado... Como a capela estava muito escura, ela não me viu. Falava baixinho, mas eu tenho o ouvido fino.

— E que dizia ela?

— Que se enganara! que a morte é o fim de tudo! que não ha outra coisa!...

— Que horror! Será possivel?

— Juro que o ouvi bem! E ouvi-lhe mais: "Religião de mentira, de erro e de hipocrisia, religião de crimes e de perversões monstruosas, renego-te! Recupero enfim a minha liberdade!"

— Mais nada?

— Mais nada, com respeito á religião...

A superiora ia a precipitar-se para fora, livida de colera, mas a espia deteve-a:

— Ha coisas ainda mais importantes...

— Falai depressa! Ah! a infame! Se não mentis, irá apodrecer no *in-pace*!

— Não minto não! Ah! como custa revelar, por dever, tam espantosas verdades!

— Vamos! Acabai!

— Pois bem: disse que era preciso salva-la a todo custo, falando da presa...

A superiora não quiz ouvir mais, saindo a correr, como uma louca.

XV

O ENCONTRO

Antes da hora aprazada, Salverio e seus amigos estavam diante da cabana de Germano, já vazia, esperando com ansiedade a vinda de sóror Santa Madalena.

Em vão! Eram nove e meia, quando o Cavaleiro de La Barre, dominado por uma angustia mortal, exclamou:

— Não virá!

— A cavalo! exclamou Salverio.

(Continúa).